

Corpos entre telas e espelhos: a primazia do olhar e da imagem na cultura digital¹

Giovanna Furtado de Mendonça²

Maria Isabel de Andrade Fortes³

Resumo

O presente artigo se insere no campo de estudos sobre tecnologias digitais e subjetividades contemporâneas e tem como objetivo analisar a construção do corpo frente à primazia do olhar e da imagem na cultura digital. A partir do conceito de narcisismo presente na obra freudiana e da teorização sobre o estágio do espelho realizada por J. Lacan, examina-se a especularidade nas redes sociais, considerando a lógica particular com que se dá a interação entre usuários a partir da reflexão acerca da produção de imagens. Assim, problematiza-se o modelo identificatório predominante no modo de se fazer laço na cultura digital, destacando seus efeitos na relação que o sujeito estabelece com a dimensão do corpo próprio, que passa a ser tomado como pura imagem. Destaca-se, ainda, que o ato de compartilhar fotos de si mesmo nas redes sociais se tornou parte da dinâmica narcísica do sujeito contemporâneo, na qual o reconhecimento social parece ter se voltado para o reconhecimento digital, expresso por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Essas reflexões indicam possíveis impactos do ato de ver e ser visto nas telas, renovando a discussão sobre a relação entre o sujeito, a imagem especular e o Outro na cultura digital.

Palavras-chave: Corpo, Narcisismo, Estádio do espelho, Imagem, Cultura digital

¹ Este artigo é fruto de pesquisa de iniciação científica realizada com bolsa PIBIC do CNPq no Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGTP/UFRJ). Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (Rio de Janeiro, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4607-2534>. E-mail para contato: giovannafurtado@icloud.com

³ Psicanalista, coordenadora da Especialização “Psicanálise e contemporaneidade: trauma e urgências subjetivas” da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CCE/PUC-Rio), membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos e autora do livro *A dor psíquica* (Companhia de Freud, 2012) e de vários artigos científicos em revistas especializadas (Rio de Janeiro, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3662-9575>. E-mail para contato: mariaisabelfortes@gmail.com

Introdução

Há mais de 20 anos, já se anunciava que importantes transformações nas subjetividades contemporâneas estavam em curso desde o revolucionário desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação. De fato, com o advento da Internet entre o fim dos anos 1990 e o início dos anos 2000, testemunhamos uma entrada pujante dos dispositivos digitais e das redes sociais virtuais em nossa cultura. As fronteiras globais parecem indelimitar-se cada vez mais ao meio de processos de hiperconexão, digitalização e virtualização que passaram a permear o cotidiano comum. Nesse contexto, a difusão das tecnociências se instala velozmente nos atuais modos de vida, e os meios de informação e comunicação integram hoje uma complexa teia de máquinas e programas que gerenciam intensamente a produção do conhecimento e suas ramificações nos mais diversos setores sociais, econômicos e políticos.

Considerando que as formas de regulação social características de cada tempo produzem dispositivos de subjetivação passíveis de serem contextualizados em uma certa tradição histórico-cultural, apostamos que as novas tecnologias digitais certamente incidem nas subjetividades atuais. Evidentemente, a presença das mídias e das tecnologias digitais passou a operar função importante no tecido social, trazendo novas modalidades de se fazer laço e de se constituir enquanto sujeito. Alguns autores do campo da Psicanálise e das Ciências Sociais vêm abordando as novas formas de percepção ambiental, corporal, emocional e intelectual que são produzidas pelos dispositivos digitais, apontando para a aceleração que o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação e da Internet produziram nos processos sociais e históricos já em curso desde a Modernidade (Hasky, 2020; Hasky & Fortes, 2022; Sibilia, 2015, 2016). E apesar de ainda ser cedo para definir suas decorrências, podemos apostar na existência de efeitos subjetivos significativos.

Para Hasky e Fortes (2022), a incorporação da virtualidade em nosso cotidiano incide diretamente nas subjetividades contemporâneas, uma vez que não podemos mais situar os campos do real e do virtual como polos em oposição. Considerando a existência de uma continuidade entre os universos *on-line* e *off-line*, as autoras sustentam a existência de efeitos subjetivos complexos e paradoxais, decorrentes do tipo de uso que o sujeito faz das redes, e que, apesar de não serem nem bons, nem maus, são inegáveis:

Os novos dispositivos das tecnociências transformaram radicalmente, em poucos anos, o mundo em que vivemos. Dentre todas as novas tecnologias, as que envolvem as relações e experiências virtuais são as que dominam inegavelmente o cenário contemporâneo. A partir do advento da internet e de sua veloz e espantosa difusão, passamos a viver em um contexto de expansão crescente do ciberespaço, no qual observamos e experimentamos transformações radicais nos mais diversos âmbitos, como o político, o econômico, o social e o comportamental (Hasky & Fortes, 2022, p. 2).

Muito se tem discutido, na investigação teórica acerca da cultura contemporânea, sobre as novas modalidades subjetivas que advêm na passagem da Modernidade para a Pós-modernidade a partir da transformação dos paradigmas reguladores do campo social. Tendo isso em vista, pode-se considerar que, se a subjetividade produzida pelos valores modernos se constituía por meio da noção de interioridade, na qual a reflexão sobre si mesmo e a intimidade

predominavam como ponto de ancoragem do sujeito, o que está presente nos dias atuais é um autocentramento associado ao valor dado à exterioridade de modo que a subjetividade adquire novos contornos marcados pelo imperativo da visibilidade (Birman, 2012, 2020; Sibilia, 2016).

Sobre isso, vale destacar que a Psicanálise, como um campo de investigação que tem como premissa uma intersecção necessária entre clínica e cultura, tem se debruçado sobre o estudo de uma nova sintomatologia clínica, na qual há essa ênfase na exterioridade e suas consequências na dimensão do corpo como meio de expressão subjetiva e suporte identitário (Birman, 2012, 2020; Costa, 2004; Fernandes, 2003; Fortes, 2010, 2020). A ênfase na corporalidade indica uma transposição das problemáticas internas para o exterior do sujeito de modo que a subjetividade adquire bordas espaciais bastante centradas na busca de visibilidade. Com efeito, o corpo tem ocupado lugar central na constituição da subjetividade contemporânea, seja como fonte de sofrimento psíquico, como meio de expressão do mal-estar atual, ou como alvo de hiper investimentos ligados aos ideais vigentes de harmonia e beleza.

Sabe-se que o tema do corpo como eixo constitutivo das identidades contemporâneas vem sendo trabalhado nas últimas décadas por diversos teóricos da cultura e da clínica psicanalítica na atualidade. Em destaque, o psicanalista Jurandir Freire Costa (2004), que demonstrou o papel central que a performance do corpo ganha com a instauração da moral do espetáculo e do consumo desde a queda dos valores modernos. Para o autor, estamos imersos em uma “cultura somática”, na qual o indivíduo tem no corpo o referente ao sentimento de identidade pessoal. Considerando essa leitura acerca do indivíduo atual ser definido pela visibilidade de seus atributos físicos, Zorzanelli e Ortega (2011) afirmam que somos testemunhas de diversas formas de colonização do corpo, que vão desde sua superfície até seu interior de modo que “a exibição voluntária do corpo e da intimidade se tornou uma prática de autoconstituição” (p. 31).

Analisando esse cenário, Birman (2020) demonstra, no livro *O mal-estar na atualidade*, que a cultura atual é marcada pelo narcisismo e pela espetacularização do laço social. Para dissecar as novas modalidades subjetivas oriundas do imperativo de visibilidade e do regime espetacular, no qual o olhar e a imagem passam a ser um valor *princeps* e as teorizações sobre a “sociedade do espetáculo” e a “cultura do narcisismo”, propostas por Guy Debord (1967) e Christopher Lasch (1979), respectivamente, apresentam indicações preciosas para a presente reflexão. De acordo com Birman (2020), esses autores são instrumentos de leitura que desvelam como a subjetividade passa a assumir “uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica” (p. 24).

É a partir desse contexto que a proposta deste estudo aborda a problemática do corpo na era digital, entendendo-o desde uma perspectiva que focaliza os efeitos gerados pela cultura do espetáculo e do narcisismo no contexto das redes sociais. Exploramos a constante presença do olhar e da imagem em dispositivos tecnológicos, questionando como isso tem gerado novas formas de subjetivação, especialmente no que diz respeito à relação do sujeito com o corpo próprio.

Dessa maneira, partindo do conceito de narcisismo na obra de Freud e da teoria do estádio do espelho de Lacan, examinamos a especularidade presente nas redes sociais,

especialmente naquelas em que a interação entre usuários é mediada pela produção de imagens. Essa análise nos levou a investigar o modelo identificatório predominante na formação de laços na cultura digital, e seus efeitos na relação do sujeito com seu corpo, já que observamos como certos sujeitos passam a buscar reassuramento de si no olhar do outro digital. Assim, destacamos que o compartilhamento de fotos de si nas redes sociais tornou-se parte integrante da dinâmica narcísica do sujeito contemporâneo, em que o reconhecimento social agora se estende ao reconhecimento digital, expresso através de curtidas, comentários e compartilhamentos. Essas reflexões apontam para os possíveis impactos do ato de ver e ser visto nas telas, renovando, como dissemos, a discussão sobre o sujeito, a imagem especular e o Outro na cultura digital.

Corpo e narcisismo: a formação da imagem corporal e a constituição do Eu

Podemos situar na obra freudiana diferentes momentos, nos quais a dimensão corporal se apresenta como fundamental em suas elaborações teóricas. O corpo, como ponto de inflexão para a vida psíquica, se presentifica desde o período pré-psicanalítico até o campo psicanalítico atual. Fato é que o corpo está no cerne da inauguração do discurso freudiano. Foi a partir da escuta do sintoma histérico como uma manifestação do inconsciente que o discurso freudiano produziu uma descontinuidade com o discurso médico, surgindo por essa via uma nova abordagem específica à Psicanálise.

Se as históricas produziam um verdadeiro enigma aos médicos da época vitoriana, é certamente por que os meios que a medicina tinha para abordar o corpo histérico eram insuficientes. O corpo da medicina, marcado por sua condição de organismo, não contemplava aquilo que se passava na clínica da histeria. Em “Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e históricas”, Freud (1893/1987) demonstrou como o sintoma histérico conversivo não tinha causa motora-orgânica, já que não era possível localizar anatomicamente no sistema nervoso uma lesão ou motivo evidentes para a paralisia histérica diferentemente da paralisia orgânica. A partir daí, já se anuncia a especificidade do corpo para a Psicanálise, que rompe com a noção de corpo-organismo da Medicina.

Desde os “Estudos sobre a histeria”, escritos de Freud e Breuer (1893-1895/1996), o entendimento sobre a dimensão corporal é complexificado e permite considerarmos um corpo que está para além da anatomia biomédica. Trata-se, aqui, de um corpo que ganha seus contornos por meio da linguagem, das representações inconscientes e dos mistérios do desejo. Logo, ainda que não exista uma teoria do corpo em sua obra, assim com uma noção unificada sobre o corpo no campo psicanalítico, Fortes (2012) demonstra que existem algumas entradas teóricas que nos permitem visualizar uma cartografia conceitual sobre o tema do corpo na obra freudiana:

. . . o estatuto do corpo histérico e sua descontinuidade com a anatomia clínica, a valorização do fragmento para a constituição do corpo erógeno, a especificidade do registro do órgão, a importância da dor para a assunção do corpo próprio e a dimensão do excesso pulsional como uma região subjetiva que remete necessariamente ao corpo (p. 2).

Mendonça, G. F. & Fortes, M. I. A

De acordo com a autora, essas noções implicam em consequências teóricas a partir do entendimento sobre um corpo que ganha seus contornos através de uma anatomia fantasmática. O campo das representações pulsionais bordejando o corpo e oferece envelopes corporais que se dão às margens entre um dentro e um fora. Essa constatação amplia as possibilidades de compreensão para a singularidade do corpo próprio de cada sujeito. Nesse sentido, “a noção de corpo em psicanálise é mais ampla e complexa do que a de um corpo-organismo, já que se trata aqui também de um corpo-sujeito que condensa as dimensões simbólica e imaginária” (Fortes, Winograd, & Perelson, 2018, p. 280).

A questão do narcisismo, desenvolvida extensamente em 1914 por Freud no ensaio “Introdução ao Narcisismo”, é um ponto fundamental para adentrarmos no estudo sobre o corpo, principalmente no que diz respeito à sua constituição enquanto demarcação alteritária. Se, em 1914, temos o narcisismo como uma “nova ação psíquica” que conjuga a dispersão pulsional presente no autoerotismo originário, é em 1923, no texto “O Eu e o Id”, que Freud apresenta a noção de “eu-corporal”, primordial para compreendermos a íntima relação entre a dimensão do corpo e a formação da instância egoica.

Desde “O projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1895/1996) o “eu” está presente na obra freudiana, mas é no ensaio de 1914 que Freud propõe uma concepção propriamente psicanalítica sobre seu estatuto, não mais tomando o termo em seu sentido psicológico. Assim, afirma que Eu “não existe desde o início do indivíduo, tem que ser desenvolvido” (Freud, 1914/2010, p. 19). Inicia sua teorização, localizando três registros psíquicos: o autoerotismo, o narcisismo e o amor objetal. E diferencia a estrutura do narcisismo em dois momentos – o primário, quando o Eu está totalmente investido pela libido e vive na onipotência absoluta de um “Eu ideal”, e o secundário, que tenta reviver esse estado de plenitude infantil, investindo o Eu como objeto por meio da projeção de um “Ideal do Eu”. Freud indica que o narcisismo seria fruto de uma “nova ação psíquica”, que estaria na base da construção do Eu, promovendo uma transição entre o autoerotismo e o amor objetal. Sem essa “nova ação psíquica”, a satisfação pulsional seguiria em um circuito autoerótico de modo que não existiria propriamente um objeto da pulsão, e sua meta seria dominada por zonas erogeneizadas por alguma função vital do corpo, conforme apresentado em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2016).

Nesse sentido, depreende-se que uma das funções primordiais do narcisismo é coordenar as múltiplas e parciais zonas erógenas marcadas pela pulsão perversa-polimorfa da sexualidade infantil, em prol de uma totalidade corporal. Essa unidade do corpo próprio é dada pela unificação das pulsões sexuais em função do contorno libidinal que fixa em uma imagem (narcísica) de si próprio. Logo, é a imagem plena e completa do Eu ideal, “*His majesty, the baby*”, que oferece um modelo egoico, mesmo que primário, sob o qual o sujeito se aliena em busca de uma delimitação entre o que é eu e não-eu. É justamente nesse ponto, que podemos localizar um elo com o texto “O Eu e o Id” de 1923. Quando Freud afirma que “O Eu deriva, em última instância, das sensações corporais, principalmente daquelas oriundas da superfície do corpo. Pode ser visto, assim, como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar, como vimos acima, as superfícies do aparelho psíquico” (Freud, 1923/2011, p. 60).

Compreende-se que a instância do Eu se coloca como a superfície do psiquismo, que vem desde o corpo. A relação entre esse eu-corporal e suas sensações corporais é delimitada por uma “projeção mental”, cujo efeito é aquele do narcisismo, isto é, a oferta de totalidade corporal – ou, se preferirmos, uma imagem corporal que oferece uma unidade ao sujeito. A imagem corporal aqui é descrita como uma “projeção mental da superfície do corpo”, e a fixação libidinal em uma imagem narcísica é justamente a “nova ação psíquica” percebida por Freud em 1914. Nessa operação, o narcisismo se torna um dado estrutural e estruturante do sujeito, marcando uma relação dialética e alteritária entre eu e outro, na qual há constantemente uma tensão entre o corpo narcísico unificado e o corpo erógeno fragmentário.

Notavelmente, a noção de estágio do espelho proposta por Lacan remete diretamente ao conceito de narcisismo em Freud, complexificando o entendimento sobre o processo de constituição do Eu em relação à identificação com uma imagem especular e suas fricções com um corpo marcado pelo despedaçamento e pela fragmentação. Na conferência “O estágio do espelho como formador da função do eu”, Lacan (1949/1998) apresenta o primeiro modelo de sua teoria acerca da posição do estágio do espelho, indicando a função fundamental da identificação narcísica, isto é, especular, para a formação do Eu. O modelo do estágio do espelho vem demonstrar como a identificação com uma imagem precipita a formação do Eu como um efeito. Efeito esse marcado pelo engano e pela miragem ilusória do espelho, pois que o Eu assume um corpo enquanto próprio a partir do olhar do Outro.

Como paradigma da tópica do Imaginário, o estágio do espelho se refere à forma que a imagem corporal dá uma forma “ortopédica” ao sujeito. Temos no *Seminário: Livro 1* (Lacan, 1953-1954/1998) que “o estágio do espelho . . . , não é simplesmente um momento de desenvolvimento. Tem também uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito com sua imagem, enquanto Urbild do eu” (p. 91). Lacan parece estar interessado em desenvolver uma teoria que compreenda como uma imagem de si mesmo é capaz de ser investida de libido, questão que se coloca no interior da categoria freudiana de narcisismo.

Nesse momento do ensino lacaniano, percebe-se um privilégio dado à via imaginária para a compreensão do corpo, porque esta seria responsável por dar uma unidade identitária ao sujeito. Identidade essa que constantemente tenta amarrar a desordem do corpo erógeno e pulsional por meio da unidade egoica. Além disso, Lacan (1964/1998) situa a imagem do corpo como aquilo que dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite diferenciar-se do mundo externo, situando o que é eu e não-eu. Isso, pois, a identificação com a imagem especular permite o sujeito localizar-se espacialmente, já que o bebê, desamparado por sua prematuridade biológica inerente à condição humana, estaria imerso na impotência característica desse período da existência.

Logo, a noção de estágio do espelho oferece grandes contribuições para a reflexão acerca dos processos de constituição subjetiva. O efeito formador da imagem corporal é justamente o que possibilita que se ultrapasse uma vivência de corpo fragmentado, constituindo uma subjetividade:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda

mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. Essa forma, aliás, mais deveria ser designada por [eu]-ideal, se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias (Lacan, 1949/1998, p. 97).

No decorrer de seu ensino, Lacan (1949/1998) opera diversas retificações em sua teoria sobre o estágio do espelho. Aqui, nós nos deteremos, de maneira mais generalizada, na importância da introdução da dimensão simbólica no esquema óptico proposto para formalizar o estágio do espelho. Ao demonstrar a lacuna presente na teoria gestaltista sobre a assunção de uma unidade corporal ser um processo inato, Lacan inclui a importância da presença do Outro, mais precisamente de seu olhar. Se o sujeito toma a imagem do outro semelhante como própria, é justamente, pois, o olhar do Outro que se encarna na situação. É preciso que a imagem seja reconhecida simbolicamente para que o sujeito possa se identificar com o que vê no espelho sem se confundir com ele. Nesse sentido, a imagem especular é mediada pelo olhar do Outro de modo que a constatação de que um Outro nos vê estabiliza e certifica o eu da sua própria existência – a unidade corporal não se dá apenas pela via do imaginário, é preciso de uma ancoragem simbólica.

A partir dos três registros formalizados por Lacan, R.S.I., podemos tomar a dimensão Imaginária do corpo como aquela que oferece um contorno ao Eu pela imagem, contudo este só pode ser estabilizado a partir da incidência do registro Simbólico, que o marca pela linguagem. Essa operação promove um corte: há um resto que fica de fora da imagem. O júbilo da criança ao ser reconhecida no espelho descrito por Lacan é uma experiência de satisfação pulsional que o marca, produz gestos e deixa cair algo sobre o plano do Real. Esse espaço fundamentalmente pulsional que a imagem não contempla é o que dá lugar para a experimentação, para que haja mobilidade na rigidez do corpo imaginário – é ele que contempla o corpo real como sinônimo de satisfação pulsional.

Se tomarmos a posição do estágio do espelho como um modelo subjetivo para o sujeito se relacionar com a sua imagem, podemos utilizá-lo como ferramenta teórico-clínica na reflexão acerca de casos, nos quais o que se coloca em jogo é a primazia da imagem no espaço psíquico ou, ainda, em uma pregnância do registro Imaginário na experiência do sujeito com o mundo, com o Outro e com o corpo próprio. É importante destacar que Lacan sublinha a orientação freudiana sobre “o eu não ser senhor de sua própria morada”, demonstrando como a imagem corporal é um equívoco, uma vez que vem desde fora. Como escreveu Rimbaud (1871/2009), o poeta, “O Eu é um Outro”.

Em outras palavras, o olhar do outro, que vem de fora, produz, pela via do reflexo especular, aquilo que se constata como interior ao sujeito, isto é, a sua identidade “própria”. Através do jogo especular com esse outro, o sujeito se constitui como eu. Frente ao desconhecimento sobre si e ao estado de indelimitação originário, o sujeito acredita ser aquele outro, semelhante, que vê no espelho, mesmo como miragem. De acordo com Kehl e Fortes (2022): “. . . é a configuração de um corpo articulado à identificação com uma imagem

(não necessariamente de si, mas à imagem da forma humana), que é primeiramente a de ‘um outro’ (cultivada por sua presença), que produz um sujeito – identificado com algo que vem de fora” (p. 4). Ou, como anuncia Lacan (1964/1998): “. . . no campo escópico, o olhar vem de fora: eu sou olhado, isto é, eu sou quadro. Aí está a função que se encontra no mais íntimo da instituição do sujeito no visível. O que me determina profundamente, no visível, é o olhar que está de fora” (p. 195).

O Eu e o Outro entre telas e espelhos: a especularidade nas redes sociais

Se na contemporaneidade o olhar e a imagem se tornam um valor *princeps*, incessantemente exaltado pelos dispositivos tecnológicos, há a fabricação de importantes marcas na constituição subjetiva do sujeito atual de modo que problemáticas relativas à imagem de si e ao olhar do outro sobre o corpo próprio podem se tornar uma fonte privilegiada de mal-estar e sofrimento psíquico.

Sobre isso, a antropóloga Paula Sibilia (2016) desenvolve, no livro *O show do Eu: a intimidade como espetáculo*, uma interessante análise sobre os efeitos produzidos pelo avanço das tecnologias digitais, e em especial o surgimento da Internet, sobre os modos de subjetivação já em transformação no decorrer da passagem da Modernidade à Pós-modernidade. Conforme já indicado, as formas de regulação social presentes na contemporaneidade produzem novas subjetividades, nas quais a intimidade passa a ser exibida, transbordando os limites internos do sujeito. O “show do eu” é a nomeação que Sibilia propõe para pensar essa exteriorização do sujeito e a profusão do narcisismo na era digital.

Na visão da autora, as mídias digitais potencializaram o papel fundamental que a imagem ocupa na dinâmica social contemporânea de modo que o avanço das tecnologias digitais teria transformado as imagens a ponto de caracterizarem uma nova gramática de reconhecimento social que é puramente narcísica. Sibilia (2016) mostra como a cultura digital incentiva e intensifica a espetacularização do indivíduo a todo momento por meio das redes sociais, dos *smartphones* e das *selfies*, nas quais o valor individual é medido por *likes*, quantidade de seguidores e visibilidade.

Esse cenário acentua o valor que o olhar do outro ganha na definição do que cada um é. Há uma centralidade do Eu, que é naturalizada a todo momento pelas práticas sociais que orientam o mundo contemporâneo. Cresce a presença de dispositivos tecnológicos que medeiam a exposição de si mesmo, da vida cotidiana, dos gostos, dos sonhos de cada um, o que passa a ter uma enorme função na construção identitária dos indivíduos. Se antes apenas indivíduos que tinham algum destaque público deveriam se mostrar e ter destaque no olhar social, agora todos podem e devem se mostrar. A espetacularização se torna um dever no sentido de que o laço social passa a demandar que os outros vejam o que o Eu é. É a profusão da máxima debordiana sobre a positividade do espetáculo se manifestar pela afirmação do visível: “o que não aparece, não é”.

Nessa gramática, o Eu passa a se manifestar de maneira exteriorizada para o olhar de um outro reafirmar o que vê. Ou seja, é preciso seduzir o outro, mostrando aquilo que irá gerar uma boa repercussão em busca de efeitos positivos no seu olhar passa a existir uma

espécie de curadoria do Eu que bordeia sua constituição identitária a partir do momento em que é priorizado o que se vê para julgar o outro. Assim, essa crescente importância da imagem e do olhar configura um narcisismo, no qual a dimensão de alteridade deve obnubilarse em prol da imagem do eu – que deve brilhar acima de tudo e todos. Ao mesmo tempo em que o Eu é inflado, ele é sozinho, frágil e vulnerável, uma vez que depende cada vez mais do reconhecimento narcísico do outro.

Quando nos propomos a problematizar o modelo identificatório predominante no modo de se fazer laço na cultura digital, refletir acerca das redes sociais nas quais a interação entre usuários se dá pela produção de imagens tornou-se imprescindível. Dentre essas redes sociais, destaca-se o *Instagram*, o *Tiktok* e alguns aplicativos de relacionamentos; como o *Tinder*. Nesses ambientes, nos quais o indivíduo deve literalmente se apresentar ao outro enquanto uma imagem, parece haver uma questão acerca da especificidade da imagem nas redes sociais – que imagens são essas?

Nessa perspectiva, a proposição de Didi-Huberman (2011), em *A sobrevivência dos vagalumes*, sobre a “imagem-toda” e a “imagem-vagalume” nos parece um suporte interessante para prosseguirmos na investigação acerca do estatuto das imagens, que tem servido como protótipo do imperativo de ideal hoje. Para o filósofo, a imagem-toda surge a partir de discursos dominantes, que, por seu caráter totalitário, intentam apagar a multiplicidade. É uma imagem que, ao se propor dar conta de tudo, ofusca o múltiplo com um clarão que ocupa todos os espaços, inserindo um ideal enquanto uma verdade que massacra e oprime, ali onde poderíamos encontrar a singularidade de cada um. A imagem-toda é tirânica. Já a imagem-lacuna não responde à exigência do “clarão insuportável” que é veiculado pela imagem-toda. Ao contrário, ela lampeja como os vagalumes, que gemem e vagam fragilmente – mas que permanecem reluzentes –, conforme dado pelo exemplo do *Inferno* de Dante (Didi-Huberman, 2011). A imagem-lacuna consiste em uma luz menor, que, no seu caráter fugidio, serve como resistência frente à totalização impossível da imagem-toda.

Articulando a análise de Sibilia (2015, 2016) e a proposição de Didi-Huberman (2011), podemos compreender que o sujeito contemporâneo é impelido a fabricar um corpo para si que atenda às normas de uma estética digital que é regida pelo totalitarismo das “imagens-todas”. Com as telas do cotidiano digital, o sujeito tem um espaço disponível, no qual, enredado na falsa ilusão de que o olhar do outro é necessário a todo momento para garantir sua existência, precisa se “exibir para existir”. Todavia, exibir-se de modo que haja a ilusão de garantia do retorno do olhar do Outro, ou seja, a partir do modelo normatizado das imagens-todas-digitais.

Por um outro caminho, tão profícuo quanto o de Didi-Huberman (2011) para pensar a primazia da estética hoje, o filósofo Byung-Chul Han (2019), no livro *A salvação do belo*, considera que a estética predominante na era digital é a estética do liso. Liso enquanto aquilo que não quebra, não tem nervuras ou resistências, está sempre polido, brilhoso. Tal polidez e lísura não permitem a confrontação com o outro, apenas com si mesmo, extingue a outridade e a estranheza – “. . . a negatividade do outro foi totalmente anulada. Por isso ele é todo liso. Não pode ter rasgo” (p. 40). Dessa forma, observa-se que o belo digital tem como signo a curtida, os *likes*, formando um espaço sem alteridade, sem o impossível do encontro, “bane a

negatividade do não-idêntico. Permite apenas diferenças consumíveis, úteis. A alteridade dá lugar à diversidade” (p. 42).

Esse ponto de vista nos leva à constatação de que a identificação especular se torna o modo de relação do Eu com o Outro predominante na cultura digital. A ausência de contradição da estética do liso e o verniz brilhante da imagem-toda nos remetem à conceituação do registro do Imaginário feita por Lacan, cuja função unificadora implica a manutenção de uma coerência narcísica. O truque do Imaginário é dar consistência e enrijecer para suportar o não-sentido. Assim, a totalidade especular recobre o furo instalado pelo universo Simbólico e pelo Real. Recobridora, a imagem obnubila o furo delimitado pela condição subjetiva faltante e dividida do sujeito psicanalítico.

Por essa via, acreditamos que a Tela dos dispositivos tecnológicos se torna uma superfície de transmissão sob a qual o sujeito atual se orienta em relação ao Outro, sempre buscando o seu olhar. A projeção da imagem do corpo na superfície das telas passa a ser moldada pela lógica do espetáculo, no qual reinam as imagens de um ideal unívoco. Nesse sentido, podemos tomar a Tela como um espelho digital, no qual uma representação idealizada é projetada e, ao ser validada por *likes* de outros usuários, ganha um *status* aspiracional. O reflexo especular a ser avalizado pelo Outro digital é o da plenitude contínua. Lembremos, aqui, a noção lacaniana de estádio do espelho, que demonstra como a identificação com a imagem é a mais primordial forma de constituição narcísica-identitária.

Considerando essa função originária da imagem especular, a tese presente no artigo de Souza e Stengel (2022) aponta para a tirania do espelho digital, que, de maneira diferente do espelho descrito por Lacan, apenas reflete uma imagem idealizada. Na Tela, o “reflexo do corpo digital no espelho do ciberespaço ocasiona a construção de um eu digital, uma identidade criada a partir de um ideal, cuja consistência permanece atrelada ao reconhecimento do Outro” (p. 11). Contudo, dado o afrouxamento dos laços simbólicos característico da Pós-modernidade, essa identidade digital, por mais que potencialmente múltipla e mutante, muitas vezes fica aprisionada numa imagem única, pois somente esta pode ser atestada pelo Outro digital.

No esteio de Brousse (2014), acreditamos que tal busca identitária do corpo imaginário nas redes sociais é marcada pelo domínio do registro do eu ideal, como se na busca de reviver a onipotência absoluta do narcisismo infantil o sujeito fosse capturado pela completude fascinante das imagens produzidas pela cultura narcísica do espetáculo:

Minha hipótese é que o eu ideal vem substituindo cada vez mais o Ideal do Eu, por meio do avanço da ciência . . . Há então uma espécie de decadência do Ideal do Eu e um desenvolvimento do eu ideal. De tal maneira que esse eu ideal funciona, por certo, como imagem do corpo, mas uma imagem do corpo um pouco cortada do Outro da palavra . . . Existe uma espécie de extensão do império das imagens que não são tão reguladas pelo mundo do discurso como eram anteriormente . . . (p. 13).

Portanto, a busca identitária por um modelo corporal caracterizado por ideais de perfeição e completude nos leva ao entendimento de que a ação de ser visto nas redes sociais pode se tornar uma prática, na qual a busca por reconhecimento e validação vem se intensificando cada vez mais. Os pesquisadores Marcos, Stenguel, & Riguiuni (2018), no artigo

“Selfie: o impossível autorretrato”, propõem uma leitura interessante sobre o fenômeno das *selfies*. Apesar de apontarem as *selfies* como prática potencialmente constituinte de laços sociais, enfatizam o caráter recobridor desse tipo de imagem. A partir do Seminário 11 de Lacan (1964/1998), os autores pensam as *selfies* como uma prática que revela a função da beleza como um véu à castração. A ilusão oferecida pela imagem produz algo que ficcionalmente apazigua o sujeito de sua condição faltante e, então, desejante. Lembremos, aqui, o mito de Narciso, que, capturado pelo reflexo de sua imagem em um lago, é incapaz de abandonar o local e morre imobilizado pelo fascínio em si mesmo.

A partir desse ponto de vista, a produção de *selfies* teria como endereçamento ao Outro digital a demanda de reconhecimento ininterrupto. Tal reconhecimento, validado pelos *likes*, incentiva a adesão ao ideal de beleza que reforça a normatividade do olhar digital, dado que este só oferece retornos positivos àqueles que se adequam aos seus ditames. Marcos et al. (2018) afirmam, assim, que, ao passo que a lógica do espetáculo é a da aparência,

... a selfie pode ser uma forma de comunicação ilusória, em que o sujeito, ao tentar aparecer e se fazer ser visto, fica referido ao Outro de maneira contínua e com o compromisso consigo de não interromper essa cadeia comunicacional e espetacular. Pois, do autorretrato à selfie, o sujeito faz um corpo através da imagem e do olhar do Outro (p. 198).

Sendo assim, pensamos que essa configuração é o que está em jogo para aqueles sujeitos, nos quais a certificação de sua própria existência depende da exibição de sua imagem nas redes sociais – exibição essa marcadamente centrada no corpo –, que ganha contornos pelo reconhecimento do olhar do outro, que precisa ser sempre reconfirmado através de *likes* e outros tipos de interações. Nesse viés, observa-se como alguns indivíduos passam a depender inteiramente da captação do olhar do outro digital para assegurar-se, mesmo que em um circuito ilusório, de sua própria existência. Parece, então, que, na contemporaneidade, surgem novas formas de configurações subjetivas e corporais, nas quais a referência identitária do eu é totalmente orientada não só por uma imagem totalizante de si, mas pela publicação desta nas redes sociais. Esse movimento aponta para um corpo referido ao olhar mais exterior possível e sinaliza o surgimento de um novo modelo de “anatomia fantasmática”, que tem como característica uma forma de identificação narcísica, especular, bastante primária.

Esse tipo de identidade totalizante, fixada num “gozo uno advindo da imagem ideal” (Marcos et al., 2018, p. 12), se inscreve na busca de um corpo-imagem que imobiliza o sujeito de sua condição desejante em via de sua exaltação narcísica. É exatamente esse efeito que, na perspectiva da psicanalista Maria Rita Kehl (2015), a sociedade do espetáculo produz nas subjetividades contemporâneas. O discurso midiático produz a alienação por meio de imagens cada vez mais totalitárias, que se oferecem ao sujeito como “representação de suas necessidades, o afastando cada vez mais da possibilidade de compreender sua existência e seu desejo” (p. 77).

Sob essa perspectiva, pensando nas relações entre o sujeito, a imagem especular e o olhar digital, é preciso questionar o incentivo à fabricação de uma imagem corporal totalitária, tensionando suas repercussões no caráter erótico do corpo, fragmentário por excelência. Pensando na perspectiva clínica como guia da produção teórica em Psicanálise, o presente

estudo visa a alcançar o trabalho analítico por meio da proposição de que, no contexto clínico com sujeitos imersos nessa captura especular, demandando do analista um reflexo brilhantino de si mesmo, é essencial apostar no fragmento do corpo como uma dimensão de vida que resiste à tirania da imagem-toda. A ênfase nessa postura ética e clínica sustenta a necessidade de adotarmos, enquanto analistas, um dispositivo de escuta que valorize o fragmento e a lacuna como elementos propulsores do movimento do desejo em contraposição à fixação na busca por uma identidade totalizante. Nessa perspectiva, torna-se possível oferecer aos sujeitos um espaço para que múltiplas e singulares identificações possam ser enredadas em sua existência, construindo agenciamentos que resistam às imposições mortificantes da cultura do espetáculo, da exibição e do show do Eu.

Considerações finais

Observa-se, assim, que, no ambiente das redes sociais, imperam o espetáculo, a visibilidade e, principalmente, a aparência. É primordial ser visto para que se possa ser – conforme a máxima debordiana: o que não aparece, não é. Logo, não basta apenas ter o corpo ideal, é crucial fabricá-lo para si mesmo e para os outros e postá-lo de forma incessante nas redes sociais. Assim, a relação do sujeito com o Outro nas redes sociais é mediada quase que exclusivamente por sua imagem especular, o que oblitera a dimensão da diferença, do outro não-semelhante, como se houvesse espaço apenas para um olhar especularizado, fundado na identificação com o Outro. Desse modo, na cultura do olhar digital, a especularidade se presentifica muito mais em um olhar identificatório do que na diferença, o que, politicamente, vemos como um olhar totalitário.

Se tomarmos a aparição desse novo modelo intersubjetivo como um efeito das diferentes formas de regulação social que hoje ordenam a sociedade, notamos um esgarçamento da dimensão alteritária na contemporaneidade que implica uma transformação no laço social. A difusão das redes sociais em nosso cotidiano transformou as imagens ao ponto de caracterizarem uma nova gramática de reconhecimento social que é puramente narcísica. Percebemos que a homogeneização no cotidiano imagético das mídias digitais configura um narcisismo, no qual a dimensão de alteridade deve obnubilarse em prol da imagem do eu, que deve brilhar acima de tudo e todos. Então, a imagem que o eu projeta de si passa a ser fundamental para a captura do olhar alheio, no qual busca-se incessantemente o reconhecimento de si.

O mito de Narciso nos ensina sobre o poder de captura da especularidade e seu potencial imobilizador. Sob a égide do “olhar digital”, muitos sujeitos hoje buscam o reassuramento de sua existência identitária. Frente ao caráter totalitário da busca pela imagem perfeita, o corpo tomado como pura imagem pode gerar um movimento de mortificação e adoecimento do sujeito, que, narcisicamente, adentra um estado de imobilidade pulsional. Assim como a “imagem-vagalume” de Didi-Huberman (2011), que pisca e resiste ao clarão insuportável lançado pela “imagem-toda”, o desejo é móvel, precisa piscar. Se, por um lado, o narcisismo tem uma importante função unificadora do corpo e do eu ao caminhar ao lado de Eros, pode também levar o sujeito a um circuito demasiadamente fechado, no qual se manterá encarcerado pela rigidez de uma imagem unívoca. Nesse caso, atestamos um narcisismo

mortificante que asfixia a vida psíquica, minando a capacidade de se relacionar com o outro e com a pluralidade subjetiva.

Concluímos, portanto, que a valorização social do olhar e da imagem é uma produção intensa de subjetividades moldadas pela espetacularização midiática e pela captura narcísica do outro. Essa gramática aponta para o papel central que a superfície do corpo assume hoje, tornando-se uma espécie de refúgio para a subjetividade e o suporte à exposição identitária. Nesse sentido, a experiência do corpo nas redes sociais nos permite pensar no narcisismo contemporâneo, uma vez que este ganha seus contornos e sustentação a partir da imagem e do olhar no ambiente digital. Assim, não se trata mais, apenas, de se cultivarem certas prescrições corporais na vida privada ou mesmo social; é preciso espetacularizá-las na superfície das telas. E, por essa via, a publicização do Eu se torna uma forma de reconhecimento na cultura digital, marcada pelos ditames da exterioridade do sujeito.

Referências

- Birman, J. (2012). *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2020). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (15a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Brousse, M.-H. (2014). Corpos lacanianos: Novidades contemporâneas sobre o estádio do espelho. *Opção Lacaniana online nova série*, 5(15), 1-17. http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_15/corpos_lacanianos.pdf
- Costa, J. F. (2004). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Debord, G. (1967). *La société du spectacle*. Paris: Éditions Buchet-Chastel.
- Didi-Huberman, G. (2011). *A sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Fernandes, M. H. (2003). *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1987). Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. In: S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol.1, pp.180-196). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1888-1893)
- Freud, S. (1987). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 303- 421). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895)
- Freud, S. (1996). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 41-369). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1893-1895)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 16, pp. 9-64). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923)

- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905)
- Fortes, I. (2010). O corpo na clínica contemporânea e a anorexia mental. In J. Birman, I. Fortes, & S. Perelson (Orgs.), *Um novo lance de dados: psicanálise e medicina na contemporaneidade* (pp. 87-95). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Fortes, I. (2012). A anatomia fantasmática: o lugar do corpo em psicanálise. *Revista Epos*, 3(2). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2012000200004
- Fortes, I. (2020). A performance como linguagem: corpo, ato, gênero e sujeito. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, 23(2), 44-50. <https://www.scielo.br/j/agora/a/k5czm7Mm7ZgRPkWSSk7GrRt/abstract/?lang=pt>
- Fortes, I., Winograd, M., & Perelson, S. (2018). Algumas reflexões sobre o corpo no cenário psicanalítico atual. *Psicologia USP*, 29(2), 277-284. <https://www.scielo.br/j/pusp/a/6rJ5B9gmpqT7b8YZLYXXd6G/>
- Han, B.-C. (2019). *A salvação do belo*. Petrópolis: Vozes.
- Hasky, F. (2020). *A solidão e o laço com o Outro em tempos de conectividade: um estudo psicanalítico*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Hasky, F., & Fortes, I. (2022). Desconstruindo polarizações acerca da internet: entrelaçamentos entre os universos online e off-line. *Psicologia em Pesquisa*, 16(1), 1-21. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472022000100003
- Kehl, M. R. (2015). O espetáculo como meio de subjetivação. *Revista Concinnitas*, 1(26), 86-96. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/20102>
- Kehl, M. S., & Fortes, M. I. (2022). Do liame entre imaginário e violência: desenlaces no corpo. *Revista Subjetividades*, 21(3), e9305. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i3.e9305>
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1949)
- Lacan, J. (1998). *O seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1953-1954)
- Lacan, J. (1998). *O seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar (Obra original publicada em 1964)
- Lasch, C. (1979). *The culture of narcissism: American life in an age of diminishing expectations*. New York: W. W. Norton.
- Marcos, C. M., Stengel, M., & Riguini, R. D. (2018). *Selfie: o impossível autorretrato*. In N. L. Lima et al. (Orgs.), *Corpo e cultura digital: diálogos interdisciplinares* (pp. 185-200). Belo Horizonte: Quixote+ Do Editoras Associadas.
- Rimbaud, A. (2009). Carta a Paul Demeny. In A. Rimbaud. *Correspondência* (I. Barroso, Trad., notas e comentários, pp. 37-43). Rio de Janeiro: Topbooks. (Obra original publicada em 1871)
- Sibilia, P. (2015). *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Sibilia, P. (2016). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Souza, T. P., & Stengel, M. (2022). Corpos diante do espelho digital: as novas redes de subjetivação. *Affectio Societatis*, 19(37), 1-24. <https://revistas.udea.edu.co/index.php/affectiosocietatis/article/download/348179/20809947/266360>

Zorzanelli, R., & Ortega, F. (2011). Cultura somática, neurociências e subjetividade contemporânea. *Psicología & Sociedad*, 23(spe), 30-36. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000400005>

Bodies between screens and mirrors: the primacy of gaze and image in digital culture

Abstract

This article is part of the field of studies on digital technologies and contemporary subjectivities and aims to analyze the construction of the body in light of the primacy of the gaze and image in digital culture. Based on the concept of narcissism present in Freud's work and the theorization about the mirror stage carried out by J. Lacan, specularity in social networks is examined, considering the particular logic of those in which interaction between users takes place through the production of images. Thus, the predominant identification model in the way of creating a bond in digital culture is problematized, highlighting its effects on the relationship that the subject establishes with the dimension of their own body, which comes to be taken as a pure image. Furthermore, it is noteworthy that the act of sharing photos of oneself on social networks has become part of the narcissistic dynamics of the contemporary subject, in which social recognition seems to have expanded to digital recognition, expressed through likes, comments and shares. These reflections indicate possible impacts of the act of seeing and being seen on screens, renewing the discussion about the relationship between the subject, the mirror image and the Other in digital culture.

Keywords: Body, Narcissism, Mirror stage, Image, Digital culture

Cuerpos entre pantallas y espejos: la primacía de la mirada y la imagen en la cultura digital

Resumen

Este artículo se inscribe en el campo de los estudios sobre tecnologías digitales y subjetividades contemporáneas y tiene como objetivo analizar la construcción del cuerpo a la luz de la primacía de la mirada y la imagen en la cultura digital. A partir del concepto de narcisismo presente en la obra de Freud y de la teorización sobre el estadio del espejo realizada por J. Lacan, se examina la especularidad en las redes sociales, considerando la lógica particular de aquellas en las que la interacción entre usuarios se da a través de la producción de imágenes. Así, se problematiza el modelo de identificación predominante en la forma de crear vínculo en la cultura digital, resaltando sus efectos en la relación que el sujeto establece con la dimensión de su propio cuerpo, que pasa a ser tomado como una imagen pura. Además, cabe destacar que el acto de compartir fotos de uno mismo en las redes sociales se ha convertido en parte de la dinámica narcisista del sujeto contemporáneo, en la que el reconocimiento social parece haberse expandido al reconocimiento digital, expresado a través de me gusta, comentarios y acciones. Estas reflexiones indican posibles impactos del acto de ver y ser visto en las pantallas,

renovando la discusión sobre la relación entre el sujeto, la imagen especular y el Otro en la cultura digital.

Palabras clave: Cuerpo, Narcisismo, Estadio del espejo, Imagen, Cultura digital

Corps entre écrans et miroirs: la primauté du regard et de l'image dans la culture numérique

Résumé

Cet article s'inscrit dans le champ des études sur les technologies numériques et les subjectivités contemporaines et vise à analyser la construction du corps à la lumière de la primauté du regard et de l'image dans la culture numérique. Sur la base du concept de narcissisme présent dans les travaux de Freud et de la théorisation sur le stade du miroir réalisée par J. Lacan, la specularité dans les réseaux sociaux est examinée, en considérant la logique particulière de ceux dans lesquels l'interaction entre utilisateurs s'effectue à travers la production d'images. Ainsi, le modèle d'identification prédominant dans la manière de créer du lien dans la culture numérique est problématisé, en soulignant ses effets sur la relation que le sujet établit avec la dimension de son propre corps, qui en vient à être considéré comme une pure image. Par ailleurs, il convient de noter que l'acte de partager des photos de soi sur les réseaux sociaux fait désormais partie de la dynamique narcissique du sujet contemporain, dans laquelle la reconnaissance sociale semble s'être étendue à la reconnaissance numérique, exprimée à travers des likes, des commentaires et des partages. Ces réflexions indiquent les impacts possibles de l'acte de voir et d'être vu sur les écrans, renouvelant le débat sur la relation entre le sujet, l'image miroir et l'Autre dans la culture numérique.

Mots-clés: Corps, Narcissisme, Stade du miroir, Image, Culture numérique

Recebido em: 29/5/2024

Revisado em: 20/8/2024

Aceito em: 26/8/2024